



José M. da Silva
Rio de Janeiro/RJ

A noiva

Os dois saíam fazia uns dois meses. Ele, um rapaz de seus vinte e cinco anos, acadêmico de medicina, trabalhando em uma clínica ortopédica; ela, uma moça aparentemente da mesma idade, estudante de arquitetura e vivendo de uma bolsa de iniciação científica. Formavam um belo casal, os dois bonitos, magros, corpos sarados e bronzeados. O amor ia cada vez melhor, o sexo, nem se fala.

Em um sábado à noite, após o cinema, durante a sobremesa em um restaurante à luz de velas, ele joga dois objetos em um dos cálices de vinho já vazios e olha para ela. Ela olha para o cálice, surpreende-se, seu rosto ilumina-se de felicidade, olha para ele e começa a chorar. Ele continua em silêncio. Por fim, ela pega uma das alianças e olha para ele, que, sem tirar os olhos dela, pergunta:

— Aceita?
Ela se levanta, dá a volta na mesa, abraça-o por trás, beija-o longamente, olha em seus olhos e responde:
— Aceito. Claro que aceito.

Ele conta a novidade para toda a família e todos os amigos. Ficará noiva, e era a alegria em pessoa. Fazia planos. Infelizmente, para consternação geral, foi encontrado morto três dias depois dentro de seu carro em um estacionamento.

A causa da morte não foi bem esclarecida, mas o atestado registrou infarto. Nem a família nem os amigos conseguiram contribuir para rastrear seus últimos passos. Praticante de natação, não havia suspeitas sobre sua saúde. A polícia pouco obteve: as câmeras do estacionamento estavam com defeito e nada registraram. Para piorar, ninguém jamais viu sua noiva; ele falava muito dela, como um jovem apaixonado, mas ninguém a conhecera. Os amigos mais próximos chegaram a suspeitar de que fosse uma noiva imaginária. Tampouco havia fotos no celular ou nas redes sociais.

Embora de contornos estranhos, o caso acabou esquecido, por falta de indícios que levassem a uma solução mais esclarecedora.

O casal se conheceu por acaso em uma fila de banco. Ele, um homem de seus cinquenta anos; ela, uma mulher também cinquentona. Os dois, conquanto ainda exibissem os contornos de um passado atlético, já mostravam alguns sinais



da meia-idade. Ele, empresário do ramo de imóveis; ela, dona de um curso preparatório para concursos. A relação já durava aproximadamente seis meses, até que uma noite, enquanto a levava para casa, começaram a conversar sobre o namoro. Em um dado momento, ele lançou a pergunta:

— Você se casaria comigo?
Surpresa, ela não respondeu de imediato. Após alguns segundos, eis a resposta:

— Eu acho que sim. Você é um homem interessante, a gente se dá bem... É cedo pra pensar nisso, mas acho que sim. E você?

— Eu não pensaria duas vezes — responde ele, convicto. — Adoro você e gostaria de dormir e acordar com você todos os dias.

Sem falar mais, ele dirige o carro até um shopping, e seguem, de mãos dadas, ao terceiro piso. Caminham por alguns corredores até que ele para em frente a uma joalheria famosa. Ela olha para ele, sem entender o que está acontecendo; entram na loja, ele a abraça, beija seu rosto suavemente, e diz, sério:

— Escolha o anel que você mais gostar. Claro, se quiser ser minha noiva. Ela o abraça e começa a chorar de emoção. Só para quando uma atendente se aproxima.

Dormem juntos para comemorar o noivado e, pela manhã, ele a leva para casa.

No dia seguinte, é encontrado morto dentro do carro, em uma rua perto de seu condomínio. Nenhuma câmera registrou qualquer movimentação anômala; amigos e o que sobrou de sua família não conseguiram compreender o que poderia ter acontecido. Um homem saudável, que gostava de viajar, de bons vinhos, de cinema, e que ultimamente falava entusiasmado de sua namorada. Algumas pessoas disseram à polícia que, na noite anterior a sua morte, telefonara eufórico para dizer que encontrara a mulher de sua vida e que acabara de pedi-la em noivado — e ela aceitara!

Sem elementos que ajudassem a Investigação, o caso foi encerrado e só restou o laudo que atestava infarto como causa mortis.

Em algum ponto da cidade, um jovem detetive insane revolvia na mente algumas ideias que o perturbavam por meses. Acompanhara a Investigação sobre a morte de um homem de trinta e poucos anos, tenista aposentado e dono de uma academia, encontrado morto dentro do carro em uma avenida litorânea de uma cidade de veraneio. Por acaso, teve acesso a casas semelhantes ocorridos anteriormente. O cérebro, alimentado durante anos por filmes e romances policiais, começou a procurar pontos de contato entre as mortes. No íntimo, sabia que existiam.



Levantou-se e foi até um quadro que deixava na parede do outro quarto, com recortes, fotos e anotações. Sentou-se à mesa de trabalho e começou a escrever pontos em comum a todos os casos semelhantes que analisara. As vítimas eram sempre do sexo masculino; a causa da morte: infarto; todos os corpos foram encontrados dentro do carro da vítima; o carro sempre estava em local de maior ou menor circulação de pessoas: estacionamento, rua, garagem; em todos os casos, havia menção a uma noiva, que, curiosamente, ninguém conhecia — sem fotos ou vídeos; as vítimas — dez, no total — variavam em idade — dos vinte e cinco aos sessenta e cinco anos. Todas as mortes ocorreram em um intervalo de mais ou menos três anos. Estava certo de que esses dados levavam a algum lugar, mas qual a conexão?

Uma *serial killer*? Alguém com algo em comum com as vítimas? A tal noiva seria uma mesma mulher? Precisava investigar mais, mas por onde começar? Não havia absolutamente nada de concreto: fotos, testemunhas, relatos, imagens. Nada.

Quando chegou ao trabalho, apresentou suas elucubrações à delegada, sua chefe direta. Ela se interessou e deu sinal verde para que continuasse a investigar, contanto que não vazasse qualquer informação para ninguém, muito menos para a imprensa, e que não gastasse muito tempo de seu trabalho diário com aquilo.

Em outro ponto da cidade, no terraço de uma cobertura, duas mulheres degustam um *pinot noir*, desfrutando da fresca brisa noturna de outono. Uma delas diz:

— Acho que vou começar a namorar um detetive de polícia.
— Aquele que conversou com você ontem?
— Ele mesmo. Melhor começar a atacar o problema o mais rápido possível. Ele é muito esperto.

— Concordo. E você ainda não tem um detetive no currículo, não é?
— Pois é, não tenho. Em breve, ele vai conseguir uma noiva. Por pouco tempo, claro.

As duas riem bastante.
— Detetive? Deixa eu ver. Uma dona de casa, casada; bela, recatada, religiosa. Já tem alguma infidelidade na sua lista?

— Já sim, aquele prefeito, lembra?
— Claro que lembro. Deu um problemão, e quase que ele acaba com você e não o contrário. Se bem que acabar com você é uma tarefa quase impossível.

— É verdade, mas o rapaz da academia era lindo; eu não podia deixar passar. Pena que teve que ir embora também. E dois dias depois, foi-se o prefeito; até que durou muito depois do noivado — cinco dias que poderiam me deixar a descoberto e estragar tudo.



— Tem razão, mas no final deu tudo certo. E o que está planejando para o detetive?

— Desta vez, estava pensando em uma figura mais ousada, mais perigosa; uma situação mais arriscada, mais emocionante. Uma traficante de órgãos gostosona procurada internacionalmente, uma matadora de aluguel lá do interior, uma esposa de miliciano do Rio...

— Eu iria de matadora. Vai ser até irônico. Se você fizer tudo direitinho, ele vai pensar que você é a tal assassina serial que ele procura. Bem, você é, mas ele não precisa saber disso...

As duas caíram na gargalhada.

— Decidido, então. Matadora, casada, com vida dupla, amante do detetive. Meio clichê, mas pode ser divertido. Só preciso trabalhar bem os detalhes: idade, corpo, voz, linguagem. Dá pra fazer.

[@josemsilva.prof](https://www.instagram.com/josemsilva.prof)

